

Mídia
Data
Evento

Página

Web
21.Jan.2026Vagarosa Luminescência Voadora | Observations: Luiz Zerbini in Conversation with Frank Walter
[https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2026/01/luiz-zerbini-pinta-os-vaga-lumes-do-cerrado-e-o-litoral-em-duas-mostras-em-](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2026/01/luiz-zerbini-pinta-os-vaga-lumes-do-cerrado-e-o-litoral-em-duas-mostras-em-cartaz.shtml)
cartaz.shtmlVeículo
Autor
ArtistaFolha de S. Paulo
João Perassolo
Luiz Zerbini

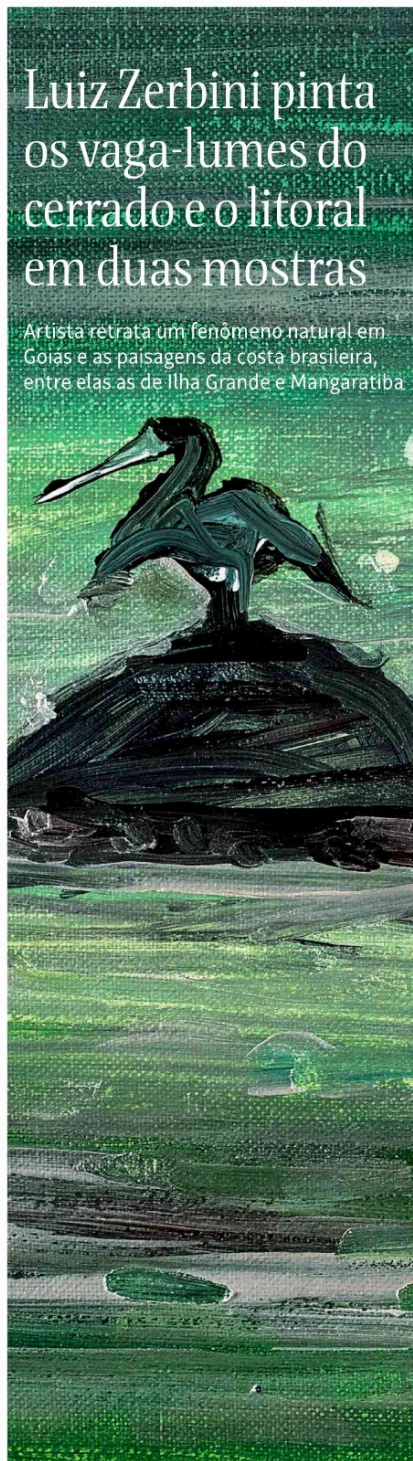
FOLHA DE S.PAULO ★★

QUINTA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 2026 83

ilustrada

Luiz Zerbini pinta os vaga-lumes do cerrado e o litoral em duas mostras

Artista retrata um fenômeno natural em Goiás e as paisagens da costa brasileira, entre elas as de Ilha Grande e Mangaratiba



Detalhe de 'Biguá', pintura de Luiz Zerbini de 2023 Pat Kilgore/Divulgação

SÃO PAULO São pinturas de paisagens diferentes. Algumas se inspiram num fenômeno natural que acontece no cerrado de Goiás — os vaga-lumes depositam seus ovos em cupinzeiros, e essas larvas brilham à noite, emitindo uma luz verde fosforescente. Outras telas retratam o litoral brasileiro, como o mar de Ilha Grande, em Angra dos Reis, no litoral fluminense, e um conjunto de pedras em Mangaratiba, no estado do Rio de Janeiro.

O que une paisagens tão distintas são as pinceladas de Luiz Zerbini, autor dos quadros, agora expostos em mostras simultâneas nas duas sedes da galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, em São Paulo.

No galpão da Barra Funda está a série do cerrado, com telas de grandes dimensões feitas no ano passado. Aqui, as cores vivas, características de Zerbini, explodem em tons ainda mais vibrantes, quase tão fosforescentes quanto os vaga-lumes dos quais tiram inspiração.

Para criar a série, Zerbini conta ter se baseado numa imagem de Ary Bassous, vencedor de um prêmio de fotografia selvagem, na qual vemos um cupinzeiro brilhante no Parque Nacional das Emas, em Goiás. "É quase uma 'rave'", diz o artista, em tom de brincadeira, sobre as luzinhas brilhantes, que ele transpôs para as suas telas. "Estava tentando resgatar uma pincelada mais solta. Foi um trabalho mais rápido de fazer".

Já a galeria no bairro dos Jardins traz pinturas que o artista fez em fins de semana e momentos de descanso, mais despreocupadas em relação à sua produção de ateliê. Sempre que viaja, Zerbini se põe na natureza para exercitar seu ofício sem o compromisso de produzir para exposições. Ele afirma que nunca havia pensado em mostrar ou mesmo vender essas telas, que considera íntimas.

"Levo telas e tintas que vou usando na hora. Tento não pensar, retratar o que estou vendo, deixando acontecer", ele afirma, a respeito das pinturas de natureza, a maioria delas pequena. O exercício em meio ao verde, ele diz, faz com que se sinta conectado consigo mesmo e volte com o braço solto para seu espaço de trabalho no Rio de Janeiro.

A série do litoral aparece na galeria dos Jardins junto a pinturas da mesma temática de Frank Walter, artista da Ilha caribenha de Antigua e Barbuda que teve a sua extensa produção reconhecida pelo mercado e pelas instituições depois de sua morte, em 2009.

Autodidata, Walter pintava no verso de fotografias, em caixas de papelão e outros materiais inusitados que encontrava como suporte. Há uma impressionante similaridade entre as suas paisagens e as de Zerbini, a ponto de o espectador não conseguir distinguir quem é um artista e quem é o outro. Tanto a paleta de cores quanto as pinceladas são parecidas, com a diferença de que as telas foram feitas com décadas — e milhares de quilômetros — de distância umas das outras. João Perassolo

Luiz Zerbini

ONDE Fortes D'Aloia & Gabriel - r. James Holland, 71, São Paulo; e r. Br. de Capanema, 343, São Paulo. QUANDO Ter a ser., das 10h às 19h; sáb., das 10h às 18h. Até 24 de janeiro, na Barra Funda, e até 7 de fevereiro, nos Jardins. PREÇO Grátis

Dicas da Netflix para fisgar os espectadores

O segredo é simplificar todas as histórias para capturar assinantes mais distraídos

Maurício Stycer

Jornalista e crítico de TV, autor de 'Toda Tudo por Dinheiro'. É mestre em sociologia pela Universidade de São Paulo

Lançado pela Netflix há uma semana, o thriller "Dinheiro Suspeito" inaugura uma nova forma de remuneração para a produtora do filme, pertencente aos atores Ben Affleck e Matt Damon. A maior empresa de streaming do mundo concordou em pagar um bônus para toda a equipe de produção do novo filme, cerca de 1.200 pessoas, caso o longa-metragem tenha um bom desempenho na plataforma.

Normalmente, a Netflix paga adiantado pelos filmes que encomenda, incluindo uma parte de um bônus antes mesmo do início das filmagens, segundo o The New York Times. A novidade torna a produtora de Affleck e Damon, chamada Artists Equity, diretamente interessada no sucesso do filme.

Em entrevista a Joe Rogan, que comanda um dos podcasts de maior audiência no mundo, a dupla dinâmica revelou duas orientações feitas pela Netflix com o objetivo de tornar "Dinheiro Suspeito" atraente ao maior número possível de assinantes.

Os thrillers tradicionais exibem suas principais cenas de ação perto do final. Mas, segundo Damon, a Netflix pediu que ele incluísse uma grande cena de impacto logo "nos primeiros cinco minutos" do novo filme. "Porque queremos que as pessoas continuem assistindo", teriam dito ao ator. Damon também disse a Rogan que a plataforma de streaming pede aos cineastas que simplifiquem os roteiros, reiterando situações e repetindo informações, de maneira a facilitar a vida do espectador mais distraído.

"Não seria ruim se vocês repetissem o enredo três ou quatro vezes nos diálogos, porque as pessoas estão mexendo nos celulares enquanto assistem."

Numa entrevista, atores Ben Affleck e Matt Damon detalharam duas orientações feitas pela Netflix para tornar "Dinheiro Suspeito" mais atraente — uma grande cena de impacto logo no início e repetições de informações em todo o roteiro

Não é a primeira vez que nomes respeitados da indústria alertam sobre o rebaixamento intencional da qualidade do que assistimos hoje nos cinemas e em plataformas de streaming. Já registrei aqui neste espaço as reclamações de David Chase, criador da série "Família Soprano", e de Charlie Kaufman, autor dos roteiros de "Quero Ser John Malkovich", "Adaptação" e "Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças", entre outros. Ambos lamentaram as dificuldades de aprovar projetos autorais. Chase falou sobre o pedido dos produtores: "Me disseram para simplificar" ("to dumb it down", no original). A novidade é que Damon e Affleck são figuras de maior visibilidade, e o que dizem tem maior repercussão.

Uma minissérie recente, "All Her Fault", disponível no Prime Video, ajuda a entender o que Matt Damon quis dizer sobre as exigências das plataformas de streaming para ampliar o público. A produção é um thriller sobre o sequestro de uma criança, de uma família de elite, em Chicago. A série integra um filão iniciado por "Big Little Lies" de produções que sublinham a importância da sororidade e expõem a violência masculina praticada entre quatro paredes. Sarah Snook, no papel da protagonista, acompanhada de Dakota Fanning, Abby Elliott e Sophia Lillis, desentraça o mistério ao longo de oito episódios.

"All Her Fault", porém, não economiza em golpes baixos para manter o espectador preso à poltrona. O texto é de uma simplicidade que beira o nível primário. Algumas mesmas situações são repetidas em inúmeros episódios, com a intenção, só pode ser, de lembrar o espectador de algo que ele já deveria saber.

Sem medo da extravagância e do ridículo, os roteiristas apelam a tramas que lembram algumas novelas brasileiras. Uma situação no quinto episódio parece idêntica a "Vale Tudo". Uma outra, no episódio final, evoca "Por Amor". No embalo do melodrama rasgado, "All Her Fault" passa a sua mensagem até ao mais distraído dos espectadores.